



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CRACK – PRÁTICAS EDUCATIVAS E CULTURAIS NA VIDA DE UM DEPENDENTE

Tereza Maria da Silva Ferreira; Lia Machado Fiuza Fialho; Camila Saraiva de Matos; *José Gerardo Vasconcelos.*

Universidade Federal do Ceará, terezaceifa@hotmail.com; Universidade Estadual do Ceará, lia_fialho@yahoo.com.br; Universidade Federal do Ceará, camilasaraiva28@hotmail.com; Universidade Federal do Ceará gerardo.vasconcelos@bol.om.br.

Resumo

O presente artigo faz parte de uma pesquisa do curso de Mestrado em História e Memória da Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC. Tem como objetivo analisar de que forma o uso e abuso de drogas está relacionado às diferentes práticas educativas e expressões de questões culturais da atualidade por meio dos relatos da história de vida do dependente de crack que assumiu o nome fictício de Bim Guerra. Relacionando conceitos e definições já existentes do que seja drogas e os conceitos moldados culturalmente pela a sociedade. Partindo das concepções de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, utilizamos como procedimento metodológico entrevistas, diário de campo e revisão bibliográfica. Na primeira parte apresentamos o percurso histórico das drogas e relatos da trajetória de vida do dependente biografado. A segunda parte oferece uma discussão sobre as definições essenciais dos marcos conceituais relativos ao uso e abuso de drogas, onde concluímos que sempre estiveram associadas a cultura, seu uso não ocorre de maneira involuntária nem tão pouco isolada. Percebe-se isso através das características arraigadas historicamente no seio da sociedade e disseminadas por meio de grupos e classes culturais e sociais onde o indivíduo está inserido, algumas destas características também estão ligadas ao consumismo e ao hedonismo.

Palavras-chave: Biografia; drogas e práticas culturais.

Introdução

Este artigo é resultado de uma das etapas da pesquisa de dissertação do mestrado em história e memória da educação da FACED-UFC. Tem como objetivo perceber concepções educativas no campo da educação não formal e expressões de questões culturais, para uma melhor compreensão deste tipo de problemática na atualidade relacionada ao uso de crack.

Atualmente, o uso do crack merece um destaque especial, tanto pela efervescência midiática em torno do tema, quanto pelos efeitos devastadores que seu uso possa efetivamente



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

trazer para a sociedade como um todo, e mais especificamente aos usuários de drogas. É interessante conhecermos algumas implicações históricas e socioculturais que envolvem esse uso. Procuramos, sobretudo responder as seguintes perguntas: que contextos socioculturais favorecem o uso de drogas psicoativas na contemporaneidade? Que situações estão relacionados esse uso? Que práticas culturais são vivenciadas?

Nesse contexto, utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa de campo, com isso optamos pelo diário de campo e tendo como subsídio fundamental entrevistas informal ou espontânea, de forma a definir os melhores registros da memória do indivíduo biografado, Da Matta (1987).

Em um primeiro momento trataremos de questões relativas às definições e classificações das drogas segundo sua forma, efeitos e tipos, teremos como foco para esse estudo algumas explicações históricas sobre o percurso as drogas na sociedade.

Em uma segunda fase levantaremos algumas implicações socioculturais que envolvem a cultura do uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas na contemporaneidade no caminhar metodológico utilizado na pesquisa.

A biografia nos dá a oportunidade de “olhar o outro” sobre a trajetória de um ser traçando seus percursos através de sua identidade refletida em palavras, sentimentos e ações podendo inclusive apresentar vieses em diversas áreas como saúde e educação que envolve o ser humano, o momento histórico se configura temas tão discutidos pela sociedade como é o caso de usuários de drogas e mais especificamente do crack.

O que entendemos por droga?

Esse tema queira ou não, suscita uma discussão sobre o que realmente entendemos por droga e mais especificamente essa tão avassaladora e assustadora droga chamada crack no que diz respeito a *mitos* e *verdades* sobre ela.

Se saíssemos por ai perguntando “o que você entende por droga?”, a grande maioria das pessoas responderia a partir de exemplos e não de conceitos ou critérios. Somos ensinados seja na família ou na escola que as drogas matam, criam marginais e que seu uso é proibido.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Somos alertados sobre as consequências negativas desse uso, que sua comercialização é crime. Esses termos estão sempre ligados à maconha, lança-perfume, à cocaína, à heroína e ao crack. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define as drogas como substâncias “que afetam a mente e os processos mentais”, ou seja, droga é tudo que mexe com o cérebro. Portanto, incluindo nesse meio o tabaco e o álcool.

O consumo de substâncias que alteram o estado de consciência é um fenômeno que acompanha o homem desde a antiguidade, para finalidades de natureza curativa, religiosa e lúdica, transformando-se dentro do tempo e da cultura as várias formas de seu uso, é fundamental que inicialmente, seja apresentado uma concepção sobre as drogas que ajude o leitor a pensar um pouco mais sobre o assunto partindo de diferentes focos. Com essa finalidade, apresenta-se as principais considerações sobre drogas, a partir do aparato realizado pelo jornalista Tarso Araújo (2012), que como ele mesmo se intitula, ser um viciado no debate sobre drogas. Na busca de resposta a nossa pergunta inicial “o que você entendemos por droga?” ele explica:

A definição mais ampla, fornecida por farmacologistas, considera droga “qualquer substância capaz de alterar o funcionamento normal de qualquer organismo”. É a interpretação mais semelhante à dos gregos antigos, que usavam a palavra *phármakon* tanto para remédio como para veneno. Eles entendiam que nenhuma substância é boa ou má em si. O uso que se faz dela é que ditará suas consequências. Essa interpretação considera que a maconha e cocaína são drogas, da mesma forma que a Aspirina e até o chá de camomila que você bebe para dormir melhor (ARAÚJO, 2012. Pág. 14).

Já para algumas pessoas que não nomeiam como drogas os remédios, consideram que droga seja “qualquer substância que proporciona a sensação de barato” onde tecnicamente essa definição equivale, a um grupo a parte de drogas que são chamadas de substâncias psicotrópicas ou psicoativas. Esse é o significado assumido no contexto internacional de controle de drogas, onde o álcool, tabaco e a cafeína não são mencionados nesse meio, por se tratar de drogas lícitas. Mas, é importante conhecermos inicialmente melhor alguns termos, classificações e seus possíveis significados. Araújo (2012) em seu livro considera “droga” enquanto sinônimo de substância psicoativa capaz de alterar o comportamento e/ou percepção



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

independente de sua condição legal. Quanto sua classificação, o autor trata segundo sua forma em drogas naturais, sintéticas e semissintéticas e quanto os seus efeitos em estimulantes, depressoras e perturbadoras.

No período da Antiguidade todas as drogas eram consideradas naturais, como no caso do cogumelo alucinógeno *Amanita muscaria* e das flores e folhas do topo da planta fêmea de *Cannabis sativa*. No século XIX, com o desenvolvimento da química moderna foi possível extrair e purificar as moléculas dos produtos naturais responsáveis por seus efeitos psicoativos, como é o caso da morfina, do ópio e da cocaína. No caso das drogas sintéticas, embora feitas totalmente em laboratório possuem efeitos semelhantes com as substâncias produzidas em nosso corpo, temos como exemplo desse efeito de semelhança, a da molécula de anfetamina, semelhante ao efeito da dopamina que funciona como um importante mensageiro para os neurônios. As drogas sintéticas além de imitarem as naturais elas também possibilitam meios de fabricação mais barato, Araújo (2012) sobre as drogas sintéticas diz o seguinte:

Essa classificação leva em conta o método de fabricação, ela pode variar se a substância tiver mais de uma maneira de ser preparada, a cocaína, por exemplo, pode ser feita sinteticamente – apesar de o processo ser caríssimo. O álcool (etanol) também pode ser laboratório. Só que, além de ser mais barato, o processo de fermentação de açúcares por leveduras rende subprodutos que fazem toda a diferença entre um a cerveja e um saquê, por exemplo, (pag. 16).

Temos ainda as chamadas drogas semissintéticas, tida como uma terceira classificação, intermediária, para as drogas produzidas em laboratório a partir da modificação de uma molécula obtida naturalmente, como é o caso do LSD, sintetizada pela primeira vez em 1938 por Albert Hoffman, que na verdade adicionou “coisas diferentes” ao princípio psicoativo do *cogumelo ergot*, conhecido por seu fortíssimo efeito alucinógeno. Como também, é o caso da heroína, produzida através da modificação de uma molécula natural da morfina.

No que diz aos efeitos, as drogas podem ser classificadas em relação a sua ação na percepção e no comportamento ocasionado sobre o sistema nervoso central – SNC em:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estimulantes¹, depressoras² e perturbadoras³. Lembramos que dentre os vários efeitos que cada droga provoca, podem acontecer diferenças relativas a essa forma de classificação, tornando-as no decorrer histórico em reações diferenciadas, dependendo do uso que se faz dela, variando esse uso entre recreativo, medicinal e religioso.

No início da década de 80, foi descoberto entre os dependentes uma nova forma de usar a cocaína, onde seus efeitos eram intensificados, produzindo vapor relativamente puro da mesma, embora com menor duração, tida como *freebase* – misturava cloridrato de cocaína numa base líquida (podendo ser amoníaco, bicarbonato de sódio ou hidróxido de sódio) para a retirada do ácido hidrocloreto, fumado em cachimbos de vidro. As áreas decadentes de Nova York, Lós Angeles e Miami, descobriram o crack – mais uma forma fumável de uso da cocaína, nome esse dado principalmente ao barulho produzido quando a pedra é queimada para seu uso. Sua produção era parecida à do *freebase*, produzido da seguinte forma:

O cloridrato de cocaína era dissolvido em água, adicionava-se bicarbonato de sódio, aquecia-se a mistura que, ao secar, adquiria a forma de pedras duras e fumáveis. Essas pedras continham não somente alcaloides de cocaína, mas também bicarbonato de sódio e todos os outros ingredientes que haviam sido adicionados anteriormente ao pó. Mas, apesar do crack não ser tão puro quanto o *freebase*, ao ser aceso, libera um vapor que é em grande parte cocaína pura, produzindo um efeito parecido àquele (DOMANICO, 2006, pag. 14).

O crack emerge no Brasil por volta da década de 90, com rápida expansão, principalmente nos grandes centros urbanos. Inicialmente na cidade de São Paulo e depois nas diversas regiões do país (DOMANICO, 2006)

Na atualidade as substâncias psicoativas passaram de exóticas e fascinantes como era tida na antiguidade, para o caráter de mercadoria ilícita. O qual tem se observado dentro desse

¹ As estimulantes são as que aceleram o seu funcionamento. Os efeitos mais comuns são a diminuição do sono e do apetite e o aumento do estado de alerta, da pressão sanguínea e da ansiedade. Algumas chegam a aumentar a temperatura corporal ou têm efeitos específicos, como deixar as pessoas mais falantes – caso da cocaína. Anfetaminas, nicotina e cafeína são outros exemplos de drogas desse tipo (Araújo, 2012).

² As depressoras, como o nome sugere, reduzem a atividade cerebral e deixam, em geral, as pessoas sonolentas. Algumas dessas substâncias também têm efeito analgésico, porque diminuem mais intensamente o trabalho de neurônios envolvidos com o processamento da dor. Álcool, benzodiazepínicos, barbitúricos, substâncias inalantes e todas as drogas opioides são depressoras. Um detalhe importante: depressor não é a mesma coisa que depressivo, isto é, aquilo que causa o (Araújo, 2012).

³ As drogas perturbadoras são aquelas que, mais do que aumentar ou diminuir a atividade do sistema nervoso central, **mudam** a maneira de ele trabalhar. Ou seja, seu efeito é menos quantitativo e mais qualitativo. Ao mudar a maneira como nosso cérebro trabalha, elas causam delírios, ilusões ou alucinações. Maconha, LSD e diversas plantas alucinógenas são incluídos nessa categoria (Araújo 2012).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

crescimento vertiginoso, quadros de abuso e dependência química principalmente entre os jovens, o que constitui, hoje, problema mundial, fazendo do crack um problema sociocultural complexo e de enfoque multidisciplinar, pois o consumo dessa droga ultrapassa os meros aspectos legais, jurídicos e locais, sendo um problema característico da sociedade contemporânea (SANCHEZ, 2002).

Percurso biográfico e dependência de crack na vida de um dependente

Na perspectiva do método biográfico os autores buscam compreender a vida de um indivíduo, tendo cuidado para não percebê-la apenas de forma linear, mas propõe descobertas acerca de sua complexa história. Na realização deste tipo de estudo, o pesquisador, coloca em evidência o modo como cada pessoa pode mobilizar seus conhecimentos, os seus valores, os seus sentimentos, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos.

Enquanto caminhar num percurso de cunho antropológico, temos Clifford Geertz (1989), diz que em antropologia social, o que realmente se faz é etnografia e mais especificamente prática etnográfica, podendo inclusive compreender que, isso é o que realmente representa a análise antropológica como forma de conhecimento, não sendo apenas uma questão de método. Afirma que não são apenas as técnicas e nem os procedimentos metodológicos como diário de campo, transcrever textos, selecionar informantes e vários outras que definem o trabalho do etnógrafo, mas o esforço intelectual que é representado pelo o que ele chama de uma “descrição densa” O autor afirma que realizar a etnografia é o esforço de ler, enquanto construção de uma leitura de manuscritos, incoerências, comentários tendenciosos, escritos de exemplos transitórios de comportamentos modelados.

Na entrevista o dependente de drogas biografado assumiu o nome fictício de Bio Guerra, dependente de crack a 16 anos, passou por varias drogas até chegar ao crack. Disse que, o crack foi quem ocasionou a perda de emprego, família e atualmente encontrando-se na condição de morador de rua, com o propósito de coletar dados iniciais de sua história de vida.

Relatou que provou o crack quando tinha vinte e dois anos, estava fumando maconha na casa de um amigo do mundo das drogas no bairro que residia, onde



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estava outro amigo, O Jorjão do Rio Grande do Norte, que era traficante, ele estava com cocaína e disse que tinha uma coisa muito boa, era um “vira” ainda não tinha nem o nome de “crack”, naquele tempo era conhecido como “virada” feita com cocaína. Então ele virou (coloca bicarbonado ou amoníaco na cocaína, um pouco de água e esquentada), ou seja, transformou a cocaína no crack, então eu usei a primeira vez não senti nada, ele disse usa de novo e nada, então somente na terceira vez que usei foi que senti aquela sensação boa e de querer mais, a sensação de bem estar e vontade de querer mais, sensação de estar disposto inclusive de buscar de novo, lhe deixando capaz de qualquer coisa para conseguir mais, você usa e em questão de dois a três minutos já quer mais e mais. Na verdade é a sensação de “mais”, dessa terceira vez, eu já senti que estava dependente.

Bim Guerra relata partes de sua trajetória acerca das questões que relacionam do uso, abuso e prazer das drogas. Ao falar de sua experiência quando usou o crack pela primeira vez, ressalta várias vezes sobre as sensações que o crack proporcionou para ele, uma “sensação boa, “sensação de bem estar”, “sensação de estar disposto”. Fiore (2008) discuti em alguns de seus trabalhos, duas controvérsias de suma importância ao entendimento do consumo das “drogas”: as noções de prazer e risco, enquanto sentidos ilusórios e artificiais para seus consumidores:

Embora a ideia de degradação e sofrimento seja mais comumente associada às “drogas”, a relação entre seu consumo e sensações prazerosas é praticamente consensual no campo dos saberes médicos. Ou seja, não há debate ou controvérsia quanto a um efeito entendido pelos consumidores de “drogas” como prazeroso (p.144).

Ao Descrever qual a diferença do crack para as outras drogas, ele eufórico relatou que a dinâmica de uso é totalmente diferente das outras drogas, quando usava somente maconha eu ficava tranquilo, comia, dormia, trabalhava com o crack você não faz nada disso, desenvolvi logo uma “noia”, ou seja, paranoia. Vivendo assustado, parece que está sempre procurando algo ao seu redor, como de estivesse perdido alguma coisa, e quando precisa roubar para manter seu vício, fica todo tempo com a sensação ser perseguido, é totalmente diferente das outras drogas, embora tenha passado uns cinco anos usando e trabalhando onde ela descreve como primeira fase de uso. Chegou um período que almoçava e jantava crack, não consegui mais manter as responsabilidades no trabalho, foi quando separou, sua mãe faleceu e passou a ter que furtar para manter o vicia, finalmente foi preso, identificando esse



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

período como a segunda fase de uso do crack na vida de uma pessoa, quando ela não conseguiu mais nem manter o vício.

Ele nesse relato traça duas fases de uso do crack. A primeira como a fase o deslumbre pela enorme sensação de prazer, satisfação e poder que ao crack, depois a segunda fase, como a de desequilíbrio, descontrole e loucura.

Na atualidade, as substâncias psicoativas passaram de exóticas e fascinantes como era tida na antiguidade, para o caráter de mercadoria ilícita. O qual tem se observado dentro desse crescimento vertiginoso, quadros de abuso e dependência química. Na emergência contemporânea de novas abordagens sobre as drogas, (FIORE, 2008) faz uma breve discussão em seu trabalho de duas controvérsias essenciais a compreensão do consumo das “drogas”: as noções de prazer e risco, enquanto sentidos ilusórios e artificiais para seus consumidores:

Embora a idéia de degradação e sofrimento seja mais comumente associadas às “drogas”, a relação entre seu consumo e sensações prazerosas é praticamente consensual no campo dos saberes médicos. Ou seja, não há debate ou controvérsia quanto a um efeito entendido pelos consumidores de “drogas” como prazeroso (p.144).

É importante sabermos que na visão farmacológica, os vários tipos de substâncias psicoativas são capazes de alterar de alguma forma a consciência ou produzir reações específicas no Sistema Nervoso Central (SNC). Essas sensações são explicadas por suas interferências no processo de captação e recepção de transmissores relacionados às sensações de bem-estar, como a dopamina e a serotonina, o resultado final desses efeitos é organizado pelos manuais médicos como estimulante, alterador ou depressor.

Esse mesmo autor afirma que o uso de drogas pode proporcionar prazer, porém ele é mediado de negatividades e riscos com a capacidade de obscurecer um efeito temporal devastador e principalmente o sentido ilusório de prazer que ela pode causar. Ele diz que “*E as drogas dão uma espécie de curto-circuito, dão ao corpo uma espécie de prazer sem que ele exista. Dão uma ilusão química do prazer*”. E esse processo de além de ilusório, ou seja, esse prazer também pode proporciona uma artificialidade, configurando-se numa anomalia, pode além da dependência, cobrar preços altíssimos de consumidores.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Práticas educativas e culturais: conceitos e definições essenciais

Na tentativa de explicarmos o termo *educação*, Libâneo (2004, p. 87), diz que “Num sentido mais amplo, a educação abrange o conjunto de influências do meio natural e social que afetam o desenvolvimento do homem e sua relação ativa com o meio social”. Bem como se faz necessário distinguir e explicitar duas modalidades de educação intencional: a *Formal* que se refere a tudo que implica uma forma, ou seja, que seja inteligível, estruturada, organizada, sistemática e intencionalmente planejada, ou mais diretamente, a educação escolar convencional. Já a educação *não-formal*, são aquelas atividades que embora também seja intencional, possui baixo grau de estruturação, organização e sistematização com relações pedagógicas não formalizadas, as quais têm nos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, as atividades comunitárias, as de cunho cultural, etc. dentro da escola ela está nas atividades extra-escolares como atividades complementares interligadas a educação formal.

O fato de existirem várias maneiras de se pensar e realizar educação, a partir de sua história e memória, seja ela formal, informal ou não-formal envolve práticas educativas como afirma Libâneo (2004), que é o que propõe epistemologias próprias a cada perspectiva histórica e geográfica em educação. Para se compreender a educação dentro de uma abordagem integradora, crítica e transformadora é preciso compreender seus percursos e diversidade histórica.

Cada cultura constrói uma forma específica de ler o mundo, desta forma temos Pais (2003) que constrói o conceito de culturas juvenis, em sentido lato. O autor propõe inclusive que as diferentes formas de olhar essas juventudes podem agrupar-se em teorias dentro de duas principais correntes: a corrente geracional e a corrente classista, proporcionando ao pesquisador a conveniência de acordo com o curso da investigação, aflorar alguma delas.

Certeau (1994), afirma que toda atividade humana pode ser considerada como cultura, embora possa não ser reconhecida como tal, pois, para a existência de cultura, não



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

basta ser autor das práticas sociais, é necessário que essas práticas tenham um sentido para aquele que as esteja realizando.

Considerações finais

Embora o consumo de substâncias psicoativas, seja um fenômeno que acompanha o homem desde a antiguidade, transformando-se dentro do tempo e da cultura o uso de substâncias que alteram o estado de consciência, as características desse uso, vêm se modificando significativamente nas últimas décadas e mais especificamente na contemporaneidade.

Além dessas questões, novas vão surgindo de acordo com a realidade sociocultural vivenciado nas sociedades modernas⁴, fragmentando as relações sociais e culturais de classe, raça, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade provocando crises existenciais no meio social. Mostrando, que a relação entre educação e cultura não deve mais se restringir ao currículo formal, aos conteúdos escolares, dissociadas da identidade sociocultural e dos sistemas de valores que servem de referência para as relações com as pessoas e com os grupos na sociedade.

As drogas sempre estiveram associadas a cultura. Seu uso não ocorre de maneira involuntária nem tão pouco isolada. Percebe-se isso através das características arraigadas historicamente no seio da sociedade e disseminadas por meio de grupos e classes culturais e sociais onde o indivíduo está inserido. Algumas destas características estão ligadas ao consumismo e ao hedonismo. Ainda, podemos citar também suas práticas, estando estas estritamente ligada aos diferentes modos, maneiras e estilos de uso destas substâncias também na atualidade. No caso do consumismo, de certa forma estamos nos referindo as facilidades e incentivos que a sociedade a cada dia vem tendo para adquirir aquilo que é passado pela mídia e aquilo que, de certa forma, virou moda, leva a exposição da criança e do adolescente a conhecimentos, acontecimentos e informações que há alguns tempos atrás eram direcionadas apenas a adultos, prejudicando sua condição de infância e adolescência e deixando-as prisioneiras do consumo.

⁴ Segundo Hall (2006, p.14) As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida ou permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades “tradicionalis” e as “modernas”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em relação ao hedonismo refere-se a algo que culturalmente foi introduzido no meio social com a finalidade de disseminar a ideia, por meio inclusive do consumo, que é preciso está sempre de bem com a vida, sempre alegre, que a tristeza é algo ruim e que não deve ter espaço entre os sujeitos. A sensação de alegria, conforto e prazer instantâneo que as drogas provocam, conforme relatado por Bim Guerra projeta nos jovens a idéia de falsa liberdade deixando-os propícios a praticar o uso destas substâncias de modo descontrolado, levando-os ao vício. Estas idéias estão arraigadas na sociedade hodierna por meio da cultura construída e disseminada em torno da busca pelo prazer fácil.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. Almanaque das drogas. São Paulo, Editora Leya, 2012.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DOMANICO, Andréa. (2006). “**Craqueiros e Cracados: Bem Vindo ao Mundo dos Nóias!**” – Estudo sobre a implementação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador.
- GEERTZ, C, J. A Interpretação das Culturas – [1973](#). LTC, 1989
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora, UNICAMP, 1990.
- Da Matta, Roberto. **Relativizando**. Uma Introdução à Antropologia Social. Rocco, RJ,1987.
- LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 16ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- STUART, Hall. A identidade cultural na pós-modernidade. Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro (tradução). 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IORE, Maurício. **Prazer e risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de “drogas”**. In.: LABATE, Beatriz Cauiby et AL (Orgs). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador. Edulfba. 2008. P. 141-152.
- PAIS, M. Culturas juvenis. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Universitária/casa da Moeda, 2003.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SANCHEZ, Z. van der M. NAPPO, S. A. Sequência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 36, n. 4, ago. 2002. Disponível em. <<http://www.scielo.br/scielo>. Acessado em 30 abr. 2011.